

Tito de Alencar um homem torturado, entendido por Jean-Claude Rolland¹

Wilson de Lyra Chebabi (*in memoriam*)²

O que o torturante texto de Rolland mostra é que, mesmo ocupando o lugar de psiquiatra num nosocômio, procurar uma enfermidade mental na pessoa que sofreu esse iníquo processo, resultaria num pacto de convivência com a monstruosidade social chamada tortura. Em vez disso, Rolland enfrentou a dor íntima de desvelar a monstruosidade que faz, até mesmo, as pedras gritarem.

Não se pode entender a omissão de grande número de analistas em estudar as relações entre a tortura e suas consequências na vida anímica das pessoas, a não ser como maneira de se demitir como cidadãos escudados atrás da grande armadura que é a nosologia psiquiátrica.

Depois de brutalmente torturado das várias maneiras que ele reata em seus escritos, mas, sobretudo, em seus delírios, Tito de Alencar, tendo deixado a prisão em 1970, foi ao Chile e à Itália e, finalmente, foi acolhido na França. Essa liberdade externa não o libertou do encarceramento interno nas malhas da tortura, sendo arrastado por manifestações delirantes que não o deixaram até o seu suicídio – antes tentado na prisão – do qual os carrascos o salvaram para não serem reconhecidos, portanto, para se salvarem.

As manifestações delirantes eram encenações teatrais que testemunhavam tudo que ele sofreu. Um liame profundo e indissolúvel entre a vítima e seu algoz ficou estabelecido. O propósito de mantê-lo na condição de enfermo

1. Trabalho originalmente publicado na Revista *TRIEB*, n.6, em 1998.

2. Psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Para Chebabi - como consta no livro *Trajatória de um psicanalista Wilson de Lyra Chebabi*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, organizado por seus amigos Elza Marques Lisboa de Freitas, Saul Fuks e Miguel Calmon du Pin e Almeida a partir de seus escritos - “não existia dissociação entre o psíquico e o político, sua atitude tendo sido a mesma nos dois casos. É, assim, que ao mesmo tempo em que se opunha à ditadura militar e lutava pela redemocratização do país, lutava concomitantemente para a democratização das instituições psicanalíticas”. Faleceu em 2008.

mental, de modo a não ficar traço da relação com a tortura, era evidente. Tentava-se provar que seu engajamento político era sintoma e não direito de escolha.

Apesar de ter melhorado, Frei Tito suicidou-se, ainda para escapar à tortura. Como o pássaro migrador deixa-se prender nos fios elétricos, Tito enforcou-se no alto de uma árvore.

Tentamos o contrário da tortura a qual se empenha em esvaziar de poesia toda a experiência humana. Essa é a consequência mais terrível, pois a existência humana, privada do poético, torna-se desgraça, vale dizer, perde a graça e afunda o ser num tédio intragável. Como em todo trauma que fica sendo constantemente revivido, o esforço é de reverter o processo para que, em lugar de ser passivamente torturado, o sujeito passe a ser o autor. Tal esforço ainda é um movimento de não se deixar inteiramente desenraizar de si mesmo, de sua identidade e de seus ideais.

É indispensável estudar como se processa, pela tortura, uma mutação psicológica que destrói as representações ideais de si mesmo. O que a prática da tortura procura arrasar é o tesouro de nossos ideais, mostrando-os como tolos e absolutamente desprezíveis. Para tanto, o empenho da tortura é levar o torturado a trair os seus ideais e tornar-se conivente com aquilo tudo contra o qual ele organizou os seus ideais, corrompendo-o. A incontinência dos esfíncteres marca esse estado de indignidade. Tudo isso conduz ao que, no ser humano, passa a ser uma total desqualificação ontológica: a dessublimação.

Se eu não posso mais sublimar, ou eu perco totalmente o ânimo de viver pelo colapso da busca do prazer, ou o realizo de modo grosseiro, incontinente e animal, o que também me desconecta de mim mesmo. Tito não podia mais reconhecer-se como padre, que ele de fato era.

A tortura consegue ser bem-sucedida, quando aciona a vigência da auto-tortura que mora em nós na desvalorização própria, na autocrítica injusta e na autopunição pelos crimes imaginários, dos quais nenhum de nós está a salvo. Isto é tão eficiente que, seu torturador, Albernaz, garantiu: “Sabemos fazer as coisas sem deixar rastros. Se ele sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua audácia”.

A nova identidade é o negativo da anterior: ele é um falso padre, a Igreja é corrupta, todos os religiosos são homossexuais. O ser humano é privado de sua palavra, na medida em que a clandestinidade e a ilegalidade da tortura destituem toda referência ética. A fala é desdenhada e, portanto, se torna sem sentido, e, com ela, um eixo fundamental da identidade do sujeito.

Não é, pois, aceitável que nós, analistas, nos esquivemos de estudar séria e dolorosamente os fenômenos subjetivos decorrentes das mais diversas formas de tortura. E, sem dúvida, os mais clamorosos são as, assim chamadas, manifestações patológicas (delírios, suicídio). Já que tornada inválida pela tortura, a palavra não pode mais ser ouvida.